

**DIÁLOGOS ENTRE UNIVERSIDADE, ESCOLA E COMUNIDADE: PRIMÍCIAS
PARA UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL PLANETÁRIA COMPLEXA**

UNIVERSITY–SCHOOL–COMMUNITY DIALOGUES: FIRST INSIGHTS FOR A
COMPLEX PLANETARY DECOLONIAL EDUCATION

DIÁLOGOS UNIVERSIDAD–ESCUELA–COMUNIDAD: PRIMICIAS PARA UNA
EDUCACIÓN DECOLONIAL PLANETARIA COMPLEJA

Camile Dallemole¹ 0009-0005-9868-4619
Altair Alberto Fávero² 0000-0002-9187-7283

¹ Universidade de Passo Fundo – Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil; 202746@upf.br

² Universidade de Passo Fundo – Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil; favero@upf.br

RESUMO:

A obra resenhada apresenta-se como uma contribuição relevante aos debates contemporâneos sobre educação crítica ao reunir pesquisadores latino-americanos em torno da articulação entre universidade, escola e comunidade como espaços de transformação social. A resenha destaca que os capítulos analisam perspectivas decoloniais, transdisciplinares e emancipatórias, problematizando a permanência de racionalidades coloniais, neoliberais e autoritárias nos processos educativos. Evidencia-se a defesa da Educação Matemática Decolonial Planetária Complexa como alternativa à fragmentação disciplinar e à invisibilização de saberes historicamente marginalizados, bem como a valorização do diálogo freiriano na formação de subjetividades democráticas e críticas. A obra também examina os impactos do neoliberalismo na constituição das subjetividades contemporâneas e na subordinação da educação às exigências do mercado, reafirmando a necessidade de práticas educativas humanizadoras. São abordadas experiências comunitárias de aprendizagem, reflexões sobre desastres socioambientais, a valorização dos saberes quilombolas, a construção de didáticas decoloniais e a atualidade da crítica adorniana ao autoritarismo. Conclui-se que a coletânea defende a educação como prática ética, política e emancipatória, comprometida com a justiça social, a valorização da diversidade epistemológica e a construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: educação decolonial; escola; universidade; diálogos.

ABSTRACT:

The reviewed work presents itself as a significant contribution to contemporary debates on critical education by bringing together Latin American scholars around the articulation of university, school, and community as spaces for social transformation. The review highlights that the chapters examine decolonial, transdisciplinary, and emancipatory perspectives, questioning the persistence of colonial, neoliberal, and authoritarian rationalities in educational processes. It emphasizes the defense of Complex Planetary Decolonial Mathematics Education as an alternative to disciplinary fragmentation and the invisibilization of historically marginalized forms of knowledge, as well as the valorization of Freirean dialogue in the

formation of democratic and critical subjectivities. The work also examines the impacts of neoliberalism on the constitution of contemporary subjectivities and on the subordination of education to market demands, reaffirming the need for humanizing educational practices. Community learning experiences, reflections on socio-environmental disasters, the appreciation of quilombola knowledge, the construction of decolonial didactics, and the contemporary relevance of Adorno's critique of authoritarianism are also addressed. It concludes that the collection advocates education as an ethical, political, and emancipatory practice committed to social justice, the appreciation of epistemological diversity, and the collective construction of knowledge.

Keywords: decolonial education; school; university; dialogues.

RESUMEN:

La obra reseñada se presenta como una contribución relevante a los debates contemporáneos sobre la educación crítica al reunir a investigadores latinoamericanos en torno a la articulación entre universidad, escuela y comunidad como espacios de transformación social. La reseña destaca que los capítulos analizan perspectivas decoloniales, transdisciplinarias y emancipadoras, problematizando la permanencia de racionalidades coloniales, neoliberales y autoritarias en los procesos educativos. Se evidencia la defensa de la Educación Matemática Decolonial Planetaria Compleja como alternativa a la fragmentación disciplinaria y a la invisibilización de saberes históricamente marginados, así como la valoración del diálogo freireano en la formación de subjetividades democráticas y críticas. La obra también examina los impactos del neoliberalismo en la constitución de las subjetividades contemporáneas y en la subordinación de la educación a las exigencias del mercado, reafirmando la necesidad de prácticas educativas humanizadoras. Se abordan experiencias comunitarias de aprendizaje, reflexiones sobre desastres socioambientales, la valorización de los saberes quilombolas, la construcción de didácticas decoloniales y la vigencia de la crítica adorniana al autoritarismo. Se concluye que la obra colectiva defiende la educación como una práctica ética, política y emancipadora, comprometida con la justicia social, la valoración de la diversidad epistemológica y la construcción colectiva del conocimiento.

Palabras clave: educación decolonial; escuela; universidad; diálogos.

Introdução

A obra “Diálogos universidade escola - comunidade: primícias para uma educação decolonial planetária complexa” organizada pelos pesquisadores Ivan Fortunato, Milagros Elena Rodríguez e José Gregório Lemus Maestre une autores brasileiros, mexicanos e venezuelanos em uma importante discussão sobre a prática docente. Publicada em 2025 pela Edições Hipótese, a obra aborda temáticas relacionadas à educação matemática decolonial, à pedagogia freireana e às experiências comunitárias de aprendizagem, enfatizando a articulação entre universidade, escola e comunidade como condição fundamental para promover transformações educativas significativas e socialmente comprometidas.

Detalhamento sobre a obra

Nesse sentido, o primeiro capítulo da obra, intitulado “Diálogos transdisciplinares provocados por la Educación Matemática Decolonial Planetaria Compleja”, da autora venezuelana Milagros Elena Rodríguez, propõe uma análise dos diálogos transdisciplinares decoloniais na Educação Matemática Decolonial Planetária Complexa (EMDPC), articulando complexidade, transdisciplinaridade e pensamento decolonial. Em seguida, a autora discorre acerca das transmetodologias complexas e do transmétodo denominado “deconstrução rizomática”, inspirado na filosofia rizomática de Gilles Deleuze. Nesse sentido, critica-se a linearidade acadêmica tradicional e a fragmentação disciplinar, defendendo uma produção de conhecimento aberta, conectiva e não hierárquica. O texto evidencia que a educação matemática colonial privilegia conhecimentos europeus, reduz o ensino à memorização de fórmulas e algoritmos e nega diálogos interculturais e transdisciplinares. Em oposição a essa lógica, a EMDPC propõe a reconstrução de saberes marginalizados, a integração entre concreto e abstrato, bem como a articulação entre conhecimento científico, cotidiano e cultural, compreendendo a matemática como patrimônio coletivo da humanidade. Desse modo, o primeiro capítulo encerra-se concluindo que a Educação Matemática Decolonial Planetária Complexa é um projeto em permanente construção, orientado à recivilização da humanidade e à valorização das múltiplas formas de produção do conhecimento matemático.

No segundo capítulo, “Diálogo e democracia: a pedagogia freireana e a constituição de subjetividades”, o autor brasileiro Volnei Fortuna, com doutorado em Educação, analisa a importância do diálogo na constituição de subjetividades democráticas no contexto educacional contemporâneo, tomando como referência o pensamento de Paulo Freire. A partir de uma abordagem bibliográfica e hermenêutica, o texto enfatiza princípios como esperança, amorosidade, autonomia, solidariedade e consciência crítica. O autor destaca que reinventar Freire não significa reproduzir sua obra de maneira dogmática, mas reinterpretá-la criticamente diante das contradições históricas e sociais do presente. Nesse sentido, a educação libertadora é apresentada como prática de liberdade voltada à superação da opressão, da alienação e da “cultura do silêncio”, por meio do diálogo, da participação democrática e da formação de sujeitos críticos capazes de transformar a realidade social.

O texto também problematiza os efeitos do neoliberalismo, do individualismo e das relações estruturais de dominação na constituição das subjetividades contemporâneas. Ao discutir ética, diversidade e democracia, o autor evidencia a necessidade de combater formas de discriminação, como racismo, machismo, xenofobia e homofobia, compreendendo tais

opressões como incompatíveis com qualquer perspectiva educativa democrática. Nesse sentido, a pedagogia freireana é apresentada como prática voltada à “unidade na diversidade”, promovendo respeito às diferenças e participação coletiva. Por fim, o capítulo reafirma a atualidade do legado de Paulo Freire, compreendendo a educação libertadora como instrumento de transformação social, fortalecimento da consciência crítica e construção de subjetividades democráticas e emancipatórias.

No terceiro capítulo, “Indagaciones rizomáticas - Educación Matemática Decolonial Planetaria Compleja”, a educadora venezuelana Milagros Elena Rodríguez discute a proposta da Educação Matemática Decolonial Planetária Complexa (EMDPC) articulada às indagações rizomáticas e às transmetodologias, como alternativa crítica às formas tradicionais de pesquisa e ensino da matemática. Assim, as investigações rizomáticas são apresentadas como estruturas abertas e sem centralidade fixa, reconhecendo a incompletude do conhecimento e a inseparabilidade entre sujeito, realidade e produção científica. Nesse contexto, a “deconstrução rizomática” surge como transmétodo voltado à superação das hierarquias eurocêtricas, à libertação de saberes marginalizados e à reconstrução de práticas investigativas inclusivas e complexas.

Desse modo, a Educação Matemática Decolonial Planetária Complexa (EMDPC) é apresentada como uma linha de pesquisa comprometida com a libertação da matemática da colonialidade e com a valorização dos saberes historicamente invisibilizados. O texto critica a educação matemática tradicional por privilegiar conhecimentos ocidentais e transformar a matemática em instrumento de exclusão, negando contribuições de povos indígenas, africanos, maias e egípcios. Em contraposição, a autora defende uma educação matemática contextualizada, transdisciplinar e humanizadora, articulando teoria e prática, processos metacognitivos, diálogo entre saberes e valorização da condição humana, reafirmando, portanto, a EMDPC como proposta de transformação epistemológica e social.

No quarto capítulo, “Neoliberalismo, subjetividade e educação”, o autor Volnei Fortuna analisa o neoliberalismo como uma racionalidade que ultrapassa a dimensão econômica e passa a organizar comportamentos, relações sociais e formas de subjetivação. Fundamentado principalmente nas reflexões de Pierre Dardot e Christian Laval, o texto demonstra que a lógica neoliberal transforma os sujeitos em “empresários de si mesmos”, vinculando a realização pessoal ao desempenho, à produtividade e à capacidade de adaptação ao mercado. O autor evidencia ainda que a concorrência deixa de ser apenas prática econômica e passa a estruturar a própria governabilidade contemporânea, produzindo sujeitos que acreditam agir livremente, embora estejam subordinados às exigências do mercado e da produtividade permanente.

Além disso, o texto também problematiza os impactos dessa racionalidade na educação e na formação humana, destacando que a prática educativa passa a ser subordinada às demandas do mercado de trabalho. Conceitos como criatividade, flexibilidade, inteligência emocional e “aprender a aprender” são apropriados pelo neoliberalismo como competências voltadas ao aumento da produtividade, deslocando a educação de sua função emancipadora e cidadã. Nesse sentido, a partir das reflexões de Byung-Chul Han, o autor discute a constituição da “sociedade do desempenho”, marcada por autoexploração, esgotamento, ansiedade e perda da empatia. Ademais, critica-se a desvalorização do setor público e a ampliação da lógica mercantil sobre todas as dimensões da vida social. Diante desse cenário, a educação é apresentada como espaço fundamental de resistência ética e política, capaz de recuperar valores humanizadores e promover uma formação crítica em oposição à racionalidade individualista neoliberal.

No quinto capítulo, “Resignificar la educación desde el margen: experiencias de aprendizaje comunitarias en Pilares Fernanda “La Chata” Campa”, a autora mexicana Chyara Alvarado López analisa a experiência educativa desenvolvida no centro comunitário PILARES Fernanda “La Chata” Campa, localizado na Cidade do México, como alternativa crítica às limitações do sistema educacional tradicional. A pesquisa, fundamentada em abordagem qualitativa e transmetodológica decolonial, utiliza entrevistas, observação não participante, diário de campo e bitácora metodológica para compreender como a práxis educativa do programa PILARES promove o acesso democrático ao conhecimento em territórios marcados pela exclusão social. Desse modo, vale destacar que o modelo dialoga com perspectivas críticas e decoloniais, inspiradas em autores como Ivan Illich, bell hooks e Paulo Freire.

Ademais, o texto destaca que o funcionamento pedagógico do PILARES rompe com hierarquias tradicionais entre professor e estudante ao priorizar grupos reduzidos, atendimento personalizado, flexibilidade metodológica e aprendizagem situada nas experiências concretas da comunidade. Os resultados evidenciam que o centro consolidou-se como espaço de acolhimento, fortalecimento da autoestima e emancipação social, promovendo cooperação comunitária e sentimento de pertencimento coletivo. Apesar das limitações estruturais relacionadas à falta de recursos, deterioração de equipamentos e dependência de políticas governamentais, a experiência é apresentada como prática significativa de educação comunitária decolonial. Por fim, a autora conclui que o modelo possui potencial para regenerar o tecido social e fortalecer processos educativos críticos e humanizadores.

No sexto capítulo, intitulado “¿Hasta dónde me alcanzará lo caminado? ensayo etnográfico del desbordamiento del Río Chama a su paso por la Pueblita de Apartaderos, Mérida, Venezuela”, o poeta, pesquisador e fotógrafo venezuelano Jairo Portillo Parody

desenvolve uma narrativa etnográfica, autobiográfica e poética sobre a tragédia provocada pelas fortes chuvas e deslizamentos ocorridos em 24 de junho de 2025 na região de Apartaderos, no páramo venezuelano, especialmente na área próxima ao rio Chama e à Carretera Trasandina da Venezuela. O autor promove essa reflexão articulando memória, fotografia, espiritualidade e denúncia ecológica para compreender os impactos humanos, sociais e simbólicos do desastre, relacionando tal acontecimento não apenas às forças naturais, mas também às ações humanas sobre o ecossistema, como desmatamento, ocupação inadequada das margens dos rios e degradação ambiental. Ao integrar cosmologia andina, crenças populares, reflexão filosófica e etnografia artística, o autor transforma o rio, o barro e as montanhas em metáforas da própria condição humana, evidenciando a fragilidade da existência e a necessidade de reconstrução dos vínculos entre o homem e a natureza. Além disso, a narrativa destaca os gestos de resistência coletiva entre os habitantes do páramo, reafirmando a importância da espiritualidade comunitária e da escuta sensível da natureza diante da devastação.

No sétimo capítulo, “Mulheres de Quilombo e as ecologias de saberes em práticas escolares decoloniais: escriturando histórias na Educação Básica”, as pesquisadoras brasileiras Patrícia Cristina de Aragão e Robéria Nadia Araújo Nascimento discutem a invisibilização histórica das mulheres negras quilombolas no currículo escolar e defendem a construção de práticas educativas decoloniais, antirracistas e interseccionais na educação básica. Fundamentado em pesquisa bibliográfica baseada em legislações, artigos, dissertações e teses, o estudo compreende os territórios quilombolas como espaços de resistência e ancestralidade, destacando o protagonismo das mulheres na preservação das memórias afro-diaspóricas, na defesa da terra e no enfrentamento ao racismo, ao sexismo e às desigualdades sociais. O texto critica o currículo eurocêntrico e a “pedagogia da ausência”, responsáveis pelo silenciamento dos saberes negros e quilombolas, propondo a valorização das epistemologias do Sul e das ecologias de saberes como fundamentos para uma educação democrática. Nesse sentido, as autoras defendem a inserção dos conhecimentos das mulheres quilombolas nos currículos escolares por meio de práticas pedagógicas interdisciplinares e decoloniais, compreendendo a educação como espaço de reconhecimento identitário e promoção da justiça racial e de gênero.

No oitavo capítulo, “Didáticas possíveis para o giro decolonial: a docência na universidade e na escola em atos de práxis”, os pesquisadores brasileiros Ivan Fortunato e Andréia Nunes Militão defendem a Didática como campo epistemológico articulado à pedagogia crítica, compreendendo o ato de ensinar como prática política, ética e transformadora vinculada à práxis docente. A partir de um estudo hermenêutico de caráter (auto)bibliográfico, o texto problematiza a permanência das lógicas neoliberais e coloniais na Universidade e na

Escola, criticando modelos tecnicistas de ensino baseados na transmissão de conteúdos, na hierarquização dos saberes e na racionalidade eurocêntrica. Nesse contexto, o giro decolonial é apresentado como horizonte epistemológico necessário para reconhecer conhecimentos historicamente invisibilizados e fortalecer práticas educativas emancipatórias. Além disso, os autores também defendem deslocamentos epistemológicos da Didática, compreendendo-a não como técnica ou método prescritivo, mas como possibilidade crítica e reflexiva de produção coletiva de sentidos, evidenciada em experiências de práxis decolonial como a “aula como aconchego” e práticas colaborativas desenvolvidas na formação docente. Assim, o capítulo reafirma a necessidade de construir outros modos de ensinar e aprender, fundamentados na escuta e na reinvenção crítica da educação.

No nono e último capítulo, “Educação, autoritarismo e barbárie: a atualidade da crítica de Adorno”, os pesquisadores brasileiros Olmiro Cristiano Lara Schaeffer e Altair Alberto Fávero analisam as contribuições de Theodor W. Adorno para compreender a relação entre educação, barbárie, formação cultural e emancipação diante dos avanços de projetos autoritários contemporâneos. Fundamentado em estudo teórico de abordagem hermenêutica, o texto defende a educação como campo político e ético de resistência, contrapondo-se às racionalidades instrumentais que reduzem a formação humana à utilidade econômica, à adaptação acrítica e à competitividade. A partir das reflexões presentes em “Educação após Auschwitz”, “A filosofia e os professores” e “Educação contra a barbárie”, os autores destacam que a principal tarefa da educação consiste em impedir a repetição da barbárie, promovendo autonomia, autorreflexão, sensibilidade ética e capacidade crítica frente às formas de violência, submissão e indiferença produzidas no interior da própria civilização. Nesse contexto, a filosofia e a formação cultural são apresentadas como dimensões fundamentais para a emancipação dos sujeitos, pois fortalecem a consciência crítica, a resistência ao autoritarismo e a preservação da vida democrática diante das tendências de mercantilização presentes na educação contemporânea.

Conclusão

Por fim, é possível afirmar que a coletânea “Diálogos universidad escuela - comunidad: primicias para una educación decolonial planetaria compleja” consolida-se como uma relevante contribuição para os debates contemporâneos acerca da educação crítica, ao reunir reflexões que articulam universidade, escola e comunidade como espaços de resistência epistemológica

e transformação social. Ao longo dos capítulos, os autores problematizam a permanência das racionalidades neoliberais, coloniais e autoritárias nos processos educativos, ao mesmo tempo em que defendem práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo, na emancipação, na valorização dos saberes marginalizados e na construção coletiva do conhecimento. Por fim, conclui-se que a obra evidencia a necessidade de romper com modelos educativos eurocêntricos e excludentes, reafirmando a educação como prática ética e política.

Referências

FORTUNATO, Ivan; RODRÍGUEZ, Milagros Elena Rodríguez; MAESTRE, José Gregório Lemus. **Diálogos universidad - escuela - comunidad**: primicias para una educación decolonial planetaria compleja. Itapetininga: Edições Hipótese, 2025.

SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

Camile Dallemole. Estudante de Psicologia na Universidade de Passo Fundo (UPF). Atua como bolsista Pibic/Fapergs no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior na Universidade de Passo Fundo (Gepes/UPF).

Contribuição de autoria: autora - <https://lattes.cnpq.br/3454518902771723>

Altair Alberto Fávero. Pós-Doutorado (bolsista Capes) pela Universidad Autónoma del Estado de México (2012), é professor e pesquisador da Universidade de Passo Fundo desde 1992 e coordenador do Grupo de estudos e pesquisas em educação superior (Gepes - UPF).

Contribuição de autoria: autor - <http://lattes.cnpq.br/5866881378328643>

Como citar este artigo

DALLEMOLE, Camile; FÁVERO, Altair Alberto. Diálogos entre universidade, escola e comunidade: primícias para uma educação decolonial planetária complexa. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 5 n. 5, 2026. DOI: 10.22481/redupa.v5i5.19785.